

No Gelasal: Que Linguística Aplicada? Que noção de língua(gem)?**In Gelasal: What Applied Linguistics? What notion of language?**

Ismar Inácio dos Santos Filho¹
Universidade Federal de Alagoas

Gilvan Mendonça dos Santos²
Universidade Federal de Alagoas

Lirane dos Santos Barbosa³
Universidade Federal de Alagoas

Maria Letícia de Lima Martins⁴
Universidade Federal de Alagoas

Resumo

Nos estudos de Linguística Aplicada, especificamente no Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/*Queer* em Questões do Sertão Alagoano, que noção de língua(gem) sustenta às pesquisas realizadas? Com tal questionamento, sob a metodologia de uma “compreensão interativa”, analisamos duas produções acadêmicas desse grupo, com o objetivo geral de apontar o(s) conceito(s) de língua(gem) que é/são mobilizado(s) em suas investigações. Nesse exercício acadêmico, inferimos que o grupo mencionado, ao realizar estudos sobre a interface “língua e território”, trabalha com a noção de “língua real”, nos parâmetros de estudos trans- e indisciplinados. No *corpus* estudado, a ideia de língua(gem) aparece nomeada de “língua”, em sua configuração verbo-visual, e é retomada como “construção imagética” e “bio-enunciado”, em que se reconhece a amálgama “sujeitos-práticas de língua-espço-tempo”. Para esta reflexão, dialogamos com Albuquerque Jr. (2011), Antunes (2010), Brait (2023), Cavalcanti (1986), Fabrício e Borba (2023), Garcez (2023), Moita Lopes (2006; 2013), Signorini (1995; 2006) e Volóchinov (2018), dentre outros.

Palavras-chave: Gelasal. Linguística Aplicada Indisciplinar. Língua real

¹ Docente da Universidade Federal de Alagoas (UFAL-Campus do Sertão). Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Delmiro Gouveia/AL, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5158-5449>. E-mail: ismarinacio@yahoo.com.br.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGL) da Universidade Federal de Alagoas UFAL); Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade de São Luís; Graduado em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL); Direito pelo Centro de Ensino Superior Archanjo Mikael de Arapiraca (CESAMA). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5803-7919>. E-mail: gilvan390@hotmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGL); Bolsista da FAPEAL. Graduada em Letras (Ufal-Campus do Sertão). Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4927-1643>. E-mail: lirane.barbosa@fale.ufal.br.

⁴ Maria Letícia de Lima Martins: graduada em Letras/Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Campus do Sertão/Sede. Mestranda em Linguística pelo Programa de pós-graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (Fale/UFAL) Maceió/AL, Brasil. ORCID:<https://orcid.org/0009-0008-5403-4528>. E-mail: maria.martins@delmiro.ufal.br.

Abstract

In Applied Linguistics studies, specifically in the Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/*Queer* em Questões do Sertão Alagoano, what notion of language supports the research conducted? With this question, using the methodology of “interactive understanding,” we analyzed two academic productions of this group, with the general objective of pointing out the concept(s) of language that is/are mobilized in their investigations. In this academic exercise, we infer that the group in question, when conducting studies on the interface “language and territory,” works with the notion of “real language,” within the parameters of trans- and interdisciplinary studies. In the corpus studied, the idea of language appears named “language,” in its verbal-visual configuration, and is taken up again as “image construction” and “bio-statement,” in which the amalgam “subjects-practices of language-space-time” is recognized. For this reflection, we dialogued with Albuquerque Jr. (2011), Antunes (2010), Brait (2023), Cavalcanti (1986), Fabrício and Borba (2023), Garcez (2023), Moita Lopes (2006; 2013), Signorini (1995; 2006) and Volóchinov (2018), among others.

Keywords: Gelasal. Interdisciplinary Applied Linguistics. Real language

Gelasal – nascimento e interesses de pesquisa

O Grupo de Estudos em Linguística Aplicada/*Queer* em Questões do Sertão Alagoano (doravante Gelasal) é um coletivo de estudos do qual todos nós que aqui nos inscrevemos com autoria fazemos parte. Foi gestado em 2010. Um de nós, naquele ano, ao ministrar aulas para um curso de graduação em Letras, e se deparar com a disciplina Linguística Aplicada (a partir de agora LA), precisou rever os fundamentos da área. Dessa necessidade, e em diálogos com Rojo (2006), passou a melhor entender que a LA lançava seu foco para questões de usos da linguagem pensadas como de relevância social, no sentido de que em tais usos se efetiva uma *controvérsia*, que exige respostas que tragam ganhos às práticas e aos sujeitos, no sentido de melhorar a vida. Sendo a disciplina ofertada em um curso em um *campus* no médio sertão de Alagoas, estabeleceu a relação da LA com o contexto sertão, como possibilidade de fazer pensar a tematização da prática escolar no sertão alagoano, como objeto de estudos desse domínio de conhecimento.

Em anos posteriores, com essa ideia mais amadurecida, foi entendido que o contexto, o espaço sertão, não poderia ser simplesmente tomado como o “local” a priori das práticas discursivas. Então, o professor passou a compreender, em filiação às ideias do historiador Albuquerque Jr. (2011), que o espaço não é um “solo fixo”, mas um “solo movente”, no sentido de que sobre/para um território é construído um conteúdo semântico. Assim, ao ingressar como docente em um outro curso de Letras, no alto sertão de Alagoas, propôs o Gelasal, que se oficializou logo após iniciar sua prática docente nessa nova universidade, em 2013, e teve, posteriormente, seu título alterado, em 2021, quando passou a incluir a relação com os estudos *queer*/cu-ir. Esse histórico foi contado na palestra-aula “Linguagem e território”, no II Papo Extra – Linguagem e território, realizada em novembro de 2021.

Nessa configuração, esse grupo tem como pressuposto a ideia de Albuquerque Jr. (2020, p. 4) de que “é gente que faz espaços”, quando diz que “teima em se fazer de espaço, gente, quando é gente que faz espaços”. Tanto nessa citação quanto em outras referências, esse pesquisador problematiza que há uma abordagem nos estudos sobre território que parte da ideia de que são os espaços que constroem as pessoas, numa perspectiva determinista, na qual um lugar, uma região ou uma cidade, por exemplo, é tomado como o meio (solo, clima – geografia), a priori, que, em caráter de essência, estenderia seus sentidos aos sujeitos e aos fatos sociais e históricos. Mas, advoga a proposição de que são os sujeitos que produzem os lugares, pois para/sobre os espaços produzem um conteúdo semântico. Nesse sentido, podemos argumentar, parafraseando esse historiador dos espaços, que se teima em se fazer de espaço, gente, mas, é gente, em suas práticas de linguagem, que faz os espaços.

Assim, interessa ao Gelasal pesquisar a relação entre práticas discursivas e práticas sociais, tomando especificamente como objeto de estudos a interface “linguagem e território”, em suas diversas facetas, em sua condição de “objeto complexo” (Signorini, 1998). Nessas pesquisas, interessa-nos *queerizar*, estranhar, a produção de sentidos para o lugar – Sertão, Nordeste, semiárido –, em sua condição de paisagem física ou paisagem sociocultural, o que inclui pensar a geografia, os sujeitos e os fatos sócio-políticos. Nesses estudos, entendemos que realizamos investigações acerca da amálgama “linguagem-tempo-espaço”, tal como no esquema que segue, que é uma proposição desse coletivo:

Figura 1: Esquema ilustrativo do objeto de estudos no Gelasal.



Fonte: Gelasal (2023.01).

Com esse histórico e essas “credenciais”, o que nos interessa refletir neste artigo, de modo a dialogar com este Dossiê? Visamos discutir sobre “língua”, sob os parâmetros da LA que realizamos. Ou seja, nos questionamos: *Que noção de língua está subjacente às pesquisas no Gelasal?* Para empreendermos uma conclusão, antes necessitamos também responder à pergunta: *Que LA praticamos?* Em sentido de construção dessas respostas, como uma espécie de *fotografar* o Gelasal atual, tomamos como *corpus* desta investigação dois estudos recentemente desenvolvidos, um Trabalho de Conclusão de Curso (doravante TCC) e uma palestra, quais sejam, o TCC intitulado “Como pode o sertão ser tão seco? (Re)Enunciações de um sertão uno/seco na literatura infantil”, de Maria Letícia de Lima Martins, de 2023 (no curso de Letras-Língua Portuguesa/UFAL-campus do Sertão), e a

palestra “Em uma Linguística Aplicada (para ‘cortar’), uma geografia discursiva (em atitudes *cu-ir/queer*)”, de Ismar Inácio dos Santos Filho, em 2024, no 20º Seminário de Pesquisa em Linguística Aplicada, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, na Universidade de Taubaté.

Racionalmente, podemos argumentar que dentre as produções acadêmicas do Gelasal essas foram selecionadas porque são reflexões mais recentes, e porque, além desses aspectos, a primeira está para uma atividade de iniciação científica e a segunda para uma reflexão de um professor-pesquisador. Logo, temos dois pólos nas relações institucionais-acadêmicas. No entanto, se formos à ordem do desejo, certamente a seleção se deu porque uma reflexão estuda um livro infantil literário ilustrado e a outra um *outdoor* (fixado no centro de uma pequena cidade), enunciados-textos que estão para a ordem do ordinário, isto é, se afastam das grandes narrativas, quando consideramos a sociedade letrada em que vivemos. Como metodologia, realizamos uma “compreensão interativa” (Antunes, 2010, p. 23).

Para essa discussão, em sua estrutura este artigo está organizado em mais dois blocos e em suas considerações. No primeiro, discutimos algumas orientações para o fazer pesquisa em LA e, no segundo, realizamos a leitura do *corpus* selecionado, de modo a respondermos aos questionamentos propostos. Por fim, apresentamos as Considerações, que apontam que o referido grupo de estudo desenvolve pesquisas sob a noção de “língua real”.

Orientações gerais às pesquisas em LA

Em publicação recente, Ribeiro e Coscarelli (2023) refletem sobre o surgimento da LA, no período da Segunda Guerra Mundial, e explicam que esse era um momento em que muitas línguas estavam em jogo, sendo mobilizadas e usadas como estratégia de combate. Logo, era um contexto sócio-político em que dominar uma dada língua estrangeira perpassava por relações de poder, em que estavam em disputas o dominar, o ser dominado e o resistir. Assim, os estudos em LA emergiram contextualmente da necessidade de se aprender e se ensinar línguas estrangeiras em tempo recorde, em especial para quem estava no *front* das batalhas. Nesse sentido, linguistas passaram a estudar e a propor formas ágeis de ensino e de aprendizagem de línguas estrangeiras.

Por essa compreensão, podemos entender que muito mais do que a simples aplicação de conceitos e metodologias da Linguística, a LA teve/tem em seu eixo de reflexões os usos linguísticos em suas relações com controvérsias sociais, culturais, políticas, econômicas e históricas, dentre outros. Ainda para as pesquisadoras citadas, a chegada da LA ao Brasil, no período de 1950-1970, também se deu com a preocupação de ensinar e fazer aprender uma língua, agora a língua materna, no contexto de alto índice de analfabetismo, no país que se industrializava e no qual às massas começavam a chegar ao sistema escolar.

Sabemos que, todavia, na década de 1980, o espírito do fazer pesquisa em LA se (re)construiu. Nas considerações de Cavalcanti (1986), pensar a LA como uma aplicação de linguística era uma interpretação enviesada, porque o foco da LA era em análises de

questões de *uso da linguagem* dentro ou fora do contexto escolar. Observa, então, que em “uso da linguagem”, o termo “uso” está para “função” e, assim, contrapõe-se à “forma”. Nessas orientações outras, no final daquela década e início da seguinte, as pesquisas em estudos de linguagem em nosso país já se afastavam do subjetivismo da gramática normativa tradicional e também das perspectivas estritamente formalistas, o que gerava condições para refletirmos acerca da língua por outros pontos de vista.

Assim, para Cavalcanti (1986, p. 6), a LA tinha interesses de pesquisa na “realização comunicativa da língua natural”, objeto de estudo para o qual a Etnografia da fala e as tendências de reflexões centradas no discurso se tornavam importantes. Ou seja, o foco de ação da LA era na interação face-a-face ou ouvido-a-ouvido, ou ainda na interação mediada pelo texto, no contexto escolar, ou não. Dessa maneira, a LA passou a se configurar como multidisciplinar, mobilizando parte dos subsídios teóricos na Linguística e parte em outras áreas. Interessava-se por intravisiões “de toda e qualquer parte”, conforme argumenta Cavalcanti (1986, p. 5-6). Porém, a LA não tinha teoria e ou metodologia monopolizada por nenhuma área, “nem mesmo pela Linguística”, pois “os subsídios linguísticos não são necessariamente os mais relevantes para a pesquisa em LA”. Por esses parâmetros, entendemos que a LA desenvolve também modelos teóricos. Nessa apresentação, esse cenário da LA já pode ser relevante para permitir inferências possíveis que apontem para os sentidos de “língua” que estão sustentando o fazer pesquisa no Gelasal.

Desse cenário, um estudo pode ser relevante para compreendermos que a LA era/é uma área de pesquisa que se preocupa(va) com as questões contextuais, tendência que pode demandar planos de pesquisa distintos, sob algumas orientações gerais, a exemplo da pesquisa de Signorini (1995). Naquele período, essa linguista aplicada lançou uma problematização acerca do direito constitucional do voto, porque naquele momento passávamos nas câmaras municipais a ter um número maior de pessoas não ou pouco escolarizadas em cargos eletivos, sendo eleitas como “representantes do povo”, cargos que antes eram ocupados por sujeitos escolarizados urbanos de maior influência.

Dessa maneira, naquela nova configuração ela se questionou se estaria ocorrendo uma redistribuição de poder, local e institucional, e passou a investigar o cenário político local, de uma pequena cidade nordestina, visando refletir acerca do universo pragmático de uma câmara legislativa municipal, preocupando-se em problematizar a ação discursiva, questionando-se acerca da participação efetiva ou não no poder público de sujeitos semialfabetizados ou analfabetos, e em alguns casos de origem rural, e acerca da legitimidade política desses sujeitos no parlamento. Nessa configuração, a partir de dados etnográficos, investigou a relação entre linguagem, cultura e sociedade.

Em tal cenário político-cultural e epistemológico, os estudos acadêmicos se viram obrigados a repensar seus objetos de investigação e suas abordagens teórico-metodológicas, em função da complexidade que envolvia a vida social, em suas diversas dimensões. Na LA, entendemos bem que há complexidade nas questões que envolvem a interface linguagem e vida social. O estudo desenvolvido por Signorini (1995), citado anteriormente, pode ser ilustrativo dessa compreensão. Sendo assim, passamos a ter orientações referentes aos novos interesses da área bem como foram propostos encaminhamentos futuros. Na LA, portanto, ocorreu um afastamento mais escancarado em relação àquele objeto dos estudos linguísticos, qual seja, o *sistema da língua* e suas leis e propriedades.

Mais fortemente, a LA passou a ter como objeto de investigação a “língua real”, a “língua falada por falantes reais em suas práticas reais e específicas” (Signorini, 1998, p. 101). Ou seja, lidamos, destarte, com a língua em sua rede, com práticas específicas de usos da linguagem em contextos específicos, focalizando suas regularidades locais em relações moventes, de modo a interrogar o acontecimento, os processos em andamento. Conforme apresenta-nos Signorini (1998), a LA passou a ser compreendida como o estudo do sociopolítico no estudo da comunicação verbal. Estudaria, portanto, o “tecido inteiriço” da linguagem.

Por essa dimensão do objeto de pesquisa, a LA se compreendeu possuindo um objeto que é múltiplo, mas, muito mais, um objeto que é híbrido e complexo. Logo, necessitava ser mais do que uma área de mediação ou de intermediação, isto é, mais do que ter uma abordagem *inter-* ou *multidisciplinar*. Precisaria ser *transdisciplinar*, dimensão na qual os constructos teórico-metodológicos, vindos de diferentes campos disciplinares ou áreas, fossem deslocados, reinscritos e reconfigurados. Nesse sentido, passou a ser uma área de agenciamentos e de clivagens, de interfaces e zonas limítrofes, feita de bifurcações, a partir de linhas móveis, tal como discute Signorini (1998), de modo a estudar a “língua real” em sua complexidade.

Em diálogos com os estudos da área, Moita Lopes (2006) argumentou que diante de novos tempos necessitamos de novas teorizações, de modo a fazer pesquisas que falem ao mundo atual e que questionem pressupostos do fazer ciência modernista, o que inclui repensar a própria noção de ciência, de pesquisa, de sujeito que pesquisa e de sujeitos de pesquisa. Reforçou e ampliou o que já estava em discussão em anos anteriores na área, afirmando que as situações de usos da linguagem além de complexas são também efêmeras, porque os sentidos podem ser outros. Para ele, dessa maneira, necessitamos de uma LA mestiça, *indisciplinar*, que possa deslocar e reinscrever constructos teórico-conceituais, mas que, muito mais, possa provocar *colapsos disciplinares*. Assim, a LA tem como foco a “língua real”, mas de maneira desgarrada da Linguística, isto é, com ausência de laços com a Linguística e em diálogos com teorias pós-estruturalistas, antirracistas, *queer* e decoloniais.

Para Moita Lopes (2006), a LA se assume como “linguística aplicada ideológica”, entendendo como político o ato de pesquisar, refletindo sobre linguagem e pesquisa e seus aspectos éticos e de poder. Nesse desenho, Signorini (2006) alerta-nos para a questão da língua legítima, ao pensar a língua materna brasileira, em tempo de uma sociedade democrática. Para ela, é um desafio contemporâneo para a LA. Então, nessa trama, Moita Lopes (2013) visou, junto a outros estudos, enfrentar as sociedades porosas em tempos híbridos de globalização cultural, de modo a teorizar, diríamos re teorizar, o português, de modo que a/essa língua seja compreendida com um “recurso comunicativo”, tomado como um “linguajar”, ou “plurilinguajar”, a partir da metáfora do rizoma, de maneira que nossas investigações deem conta de um mundo em fluxos, nos quais as pessoas e suas vidas sociais não sejam apagadas.

Nessa abordagem, a LA se preocupa com “o que muitas pessoas estão fazendo com o que entendemos por língua portuguesa nas práticas locais nas quais vivem, sofrem, amam, defendem posições políticas, trabalham, constroem suas vidas sociais etc.” (Moita Lopes, 2013, p. 118). Dessa maneira, abrem-se espaços para as “vozes dos [das] debaixo”. Em vista dessa posição, “entre rastros, ruínas e reconstruções” (Fabrício e Borba, 2023, p. 19), e em suas errâncias *indisciplinadas*, a LA na modernidade em transição focaliza o

imbricamento entre linguagem, sujeitos e mundo social, considerando que vivemos em um mundo de misturas ainda mais intensas, um mundo de mobilidades cada vez mais aceleradas de línguas, textos, pessoas e discursos, um mundo de mobilidades de significados, em que se dão as perplexidades sociopolíticas, que são também sociolinguísticas, às quais a LA investiga, conforme Moita Lopes e Fabrício (2019).

Nesses parâmetros, de acordo com Garcez (2023), a LA convida-nos a investigar a articulação semiótica “estrutura-uso-ideologia”, tendo como pano de fundo a noção de que a linguagem tem papel central no que podemos denominar de “problemas sociais”. Assim, para Brait (2023, p. 09), a LA estuda questões de linguagem “na dura vida como ela é”. Então, nos dias atuais, no Brasil, a LA é pensada como uma área de saber que atua por uma sensibilidade social e científica, que tem uma multiplicidade de objetos/sujeitos, visando problematizar a vida social nas suas demandas contextuais, conforme Brait (2023). Nas considerações de Fabrício e Borba (2023), é uma área de agenda de pesquisa socialmente engajada.

Desse jeito, tendo construído uma narrativa histórico-conceitual da LA no Brasil, reconstruindo a história de suas ideias, interessa-nos agora questionar “Que Linguística Aplicada?” desenvolve o Gelasal e, em seu fazer pesquisa, “Que noção de língua(gem)?” sustenta suas investigações. Nesse intuito, no tópico que segue, realizamos uma “compreensão interativa” (Antunes, 2010) de dois estudos tomados como *corpus*, que focalizam na interface “linguagem e território”.

“Compreensão interativa”: pesquisas em LA no Gelasal

A análise aqui empreendida está sob as orientações de uma leitura enunciativo-discursiva (Santos Filho, 2012), a partir de estudos em Volóchinov (2018). Nesse sentido, tomamos as produções acadêmicas postas em análise como enunciados, como um diálogo de um “eu” a um “outro” sujeito, em dado tempo-espaço-circunstância, como tematização de um aspecto do mundo, da realidade, que se configura como “resposta” a dizeres anteriores e que aguarda por dizeres futuros, ou os projeta. Um enunciado, nas proposições do filósofo russo citado, nunca é uma expressão de um psiquismo individual, tampouco é apenas um sistema abstrato, que estaria para um cadáver, sem alma. Um enunciado é sempre uma posição (ideológica) no mundo e sobre o mundo, a partir da qual rejeitamos outras posições, ou mantemos determinadas ideias, estando sempre em tensão. É um elo de uma corrente de dizeres. Os enunciados assumem determinados propósitos comunicativos, em dados gêneros discursivos.

Quando pensamos a análise de gêneros discursivos, em um diálogo possível entre a abordagem enunciativa e a análise de textos, tal como empreendida por Antunes (2010), podemos, em *colapsos* conceituais – em um gesto *indisciplinado*, argumentar que “os enunciados têm textualidade”, no sentido de que é a “textualidade” que garante as condições para que o dizer configure-se como uma unidade semântico-pragmática, um gênero discursivo, tornando-se uma ação de linguagem em práticas sociais, em suas condições de efetivação e em suas propriedades textuais.

Então, passamos à análise de dois enunciados-textos, cada um com seu “querer-dizer-fazer-ser” (Antunes, 2010; Fabrício, 2022), situados na esfera acadêmica de comunicação. Mas, como se efetiva uma leitura enunciativo-discursiva? Aqui, empreendemos uma “compreensão interativa”, com a qual interrogamos o enunciado – sua esfera de circulação, seu gênero (sujeitos, tematização, estrutura e função social) e seu estilo enunciativo, que é linguístico-semiótico-textual, para refletirmos seu caráter dialógico, interrogando o sociopolítico-ideológico na interação, conforme Volóchinov (2018) e orientações da LA. Nessa dimensão, a análise aqui não está para um ato individual centrado em quem lê, isto é, não é ação subjetiva em si, pois é exercida como uma “prática dialógica” (Benevides, 2008), na qual o enunciado-texto é posto em questionamentos. Logo, não incorre em um problema de pesquisa que o *corpus* construído para este estudo esteja montado com textos de dois dos sujeitos que realizam a análise, como é o caso.

Assim, as questões lançadas consideram que os dois enunciados-textos são dispostos aqui em condições de “fontes” para uma pesquisa, nas quais realizamos a análise, a partir de índices enunciativos, linguístico-semióticos-textuais, que possibilitem inferências sobre que LA é realizada e sobre a noção de língua(gem) que está na base da pesquisa nos dois “documentos”, um TCC e uma palestra. Vamos à análise!

Um TCC e uma palestra sob análise

Iniciando a análise, apresentamos as duas fontes para a leitura dialogada. A primeira está intitulada de “Como pode o sertão ser tão seco? (Re)Enunciações de um sertão uno/seco na Literatura Infantil” e tem como autora, à época, uma estudante de graduação em Letras-Língua Portuguesa, no alto sertão alagoano. É um estudo que cumpre a obrigatoriedade de pesquisa-escrita para a conclusão do curso e é a garantia de titulação de docente de Língua Portuguesa. Entretanto, é fruto de um processo de iniciação científica no Gelasal. O texto, disponível no Repositório da Ufal, tem 107 páginas e foi defendido em agosto de 2023.

A outra fonte é a palestra “Em linguística aplicada (para ‘cortar’), uma geografia discursiva (em atitudes cu-ir/queer)”, de um docente, doutor em Letras-Linguística, do mesmo curso da autora do TCC mencionado. Essa produção acadêmica é uma fala, a convite, no 20º Seminário de Pesquisa em Linguística Aplicada, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté, no interior paulista, realizado em 14 e 15 de junho de 2024. Tal discussão foi, dentre as demais atividades, a única palestra do evento, que aconteceu *on-line*, transmitida via *Youtube*⁵, no primeiro dia, com duração de 1h, 22 minutos e 12 segundos.

Que noção de LA?

Refletindo mais sobre a “situação concreta” (Volóchinov, 2018), podemos depreender que esses são textos pertencentes a uma esfera de comunicação que é entendida como um sistema ideológico particular, um campo de comunicação importante, por sua

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=rtHfojBZrsg&t=330s>

capacidade de influenciar a existência material. São um discurso impresso e um discurso falado (transmitido pelo audiovisual), que, devido à esfera, são orientados por uma recepção ativa e esperam réplicas interiores e organizadas, sendo orientados por discursos anteriores. Partem de um problema científico, e, tal como os enunciados impressos, estão como elos de uma cadeia de discursos ideológicos em grande escala. Assim, podemos questionar quais as *performances enunciativas* realizadas nesses textos, que produzem tematizações da área de pesquisa à qual se filiam – e que podem nos dar pistas da noção de língua no Gelasal, grupo do qual participam.

No tocante ao TCC, em relação a sua extensão, ultrapassa o número de páginas considerado adequado a essa produção acadêmica (50 laudas), saindo do comum, o que pode indiciar para uma *performance* da pesquisadora iniciante mais “ousada”, nesse universo acadêmico. Já a palestra cumpre a contento seu tempo de fala projetado, mais ou menos, de 1h e 30 minutos, o comum para essa atividade, ficando com uma média de 56 minutos de exposição e com cerca de 26 minutos (no total) para a introdução pela mediadora e para os diálogos finais com o público, configurando indício da posição do autor no espaço de produção científica.

Filiam-se às orientações de que essas produções, sejam na modalidade escrita ou falada, assumam como estilo morfossintático o português brasileiro contemporâneo formal, a partir das escolhas lexicais e morfossintáticas (voltamos a esse tópico no Excerto 4), tal como discutem Vieira e Faraco (2019). Desse modo, podemos pensar que se encaminham para cumprir as exigências rígidas da escrita-fala acadêmica. Todavia, pode a palestra, assim como um ensaio, ter maior liberdade de experimentação reflexiva, mas sem aspectos subjetivos? Eis um ponto a ser investigado. No que se refere ao TCC, o excerto abaixo dimensiona a *performance* da pesquisadora:

Excerto 01

Escolhi, então, a LA ou ela me escolheu, porque essa área de estudos me intriga e instiga a questionar questões da vida e da linguagem, visto que foi com esses estudos que percebi a relação que existe entre língua(gem) e vida social, de modo a pensar que as pessoas vivem/constroem suas vidas sociais por meio da linguagem nas práticas linguístico-discursivas em que estão situadas. Possibilitou-me, portanto, pensar o contexto em que vivemos, os problemas sociais que permeiam as nossas vidas, de modo a compreender que os estudos em LA me possibilitam uma liberdade para além do confiar ou refutar teorias linguísticas, já que posso mobilizar outros conhecimentos de outras áreas do saber, tal como a História, que tanto me encanta, e que está mobilizada neste trabalho (...). (TCC, 2023, p. 10-11).

Este Excerto 01, extraído da Introdução, pode ser importante para, a partir de algumas escolhas léxico-gramaticais problematizarmos a *performance* da pesquisadora em LA. É bem visível que ela se marca no texto, com o uso da primeira pessoa do singular, em “escolhi”, “posso”, “percebi”, “me escolheu”, “me intriga e instiga”, “possibilitou-me” e “me encanta”, com usos verbais ou com pronome objeto, ou na primeira pessoa do plural, como em “vivemos”. Esses recursos povoam todo o texto, do Resumo às Considerações. Ainda na direção de dizer de si, a autora se marca como pertencente ao espaço sertão (sobre o qual tece considerações conceituais), em “espaço do qual fazemos parte, o semiárido”, “vivo no sertão, semiárido, Nordeste, espaço do qual faço parte” e “não vivo de fato em um espaço morto, desértico ou rural, atrasado no tempo, miserável, com

pessoas esqueléticas com roupas sujas, rasgadas”. Questiona determinados sentidos de sertão.

Nesses aspectos, que posição está indiciada na palestra? Na Apresentação, no Excerto 2 (abaixo), o pesquisador também assume a marcação de si no texto e, ao dizer feixes identitários seus, além das credenciais institucionais-acadêmicas, cita gênero, sexualidade, idade e territorialidade: “um corpo nordestino, pardo e gay”. Explica que toma essa decisão para dizer das motivações e de seus investimentos acadêmicos, ao tempo em que recusa que esteja se referindo a um possível determinismo ou à noção de “lugar de falar”.

Excerto 02

(...) me reconheço no pronome pessoal masculino “ele”, quando do processo de referenciação à terceira pessoa do singular. Um outro destaque (...) é a ideia de deixar marcadas algumas características minhas, ou alguns traços da minha identidade que são importantes para que a gente entenda essa fala (...). Sou um homem pardo, de 50 anos (...) vivendo uma relação de união estável homo. Sou nordestino e vivendo no alto sertão do estado de Alagoas (...) numa cidade do interior (...). Um corpo que é afetado por diversas nuances das experiências da vida e que a elas reage (...). (Palestra, 2024).

Dessa maneira, por tais *performances enunciativas*, a autora e o autor inscrevem em suas produções um gesto de abandono de uma ciência de gabinete, monológica, sem diálogos com a vida, e que desconsidera o papel da língua(gem), porque estaria pautada nas relações mecânicas de causalidade. Em uma atitude ainda não tão comum no fazer ciência, deixam pressuposto que as escolhas linguístico-enunciativas são relevantes e que importam na feitura do texto acadêmico-científico. Filiam-se, desse modo, às orientações do fazer LA que vem sendo costurado em nosso país, conforme traçamos no tópico anterior. É o fazer LA corporificado, que já de cara quebra a presunção de que há um pesquisador, homem, branco, cis-heterossexual e economicamente favorecido, que falaria sob os pilares eurocêntricos. Temos uma jovem mulher e um homem senhor viado na pesquisa.

Dessa maneira, os dois trabalhos apontam possibilidades de que o Gelasal se direciona para reflexões e práticas de pesquisa que secundarizam o modelo da ciência modernista, e suas faces cartesiano-positivista, que se quer como pesquisa neutra, objetiva, disciplinar e com distanciamento crítico, e necessariamente colonial, produtora de verdades. Por outro lado, o fazer LA das produções analisadas está marcado como aquele no qual,

temos, por exemplo, de definir claramente nossos objetivos com o estudo que estamos fazendo, elaborar uma boa revisão da bibliografia sobre o assunto, apresentar o modelo teórico que estamos adotando, fazer dos dados uma análise consistente com esse modelo teórico e assim por diante. (Vieira e Faraco, 2019, p. 196)

O TCC e a palestra cumprem a contento esse rito. Todavia, cumprindo essas exigências, em seu caráter de rigorosidade, estão também para outro modelo epistemológico, em que a racionalidade se efetiva por outros parâmetros, podendo o sujeito que pesquisa se “encantar” ou se “entusiasmar”, como no TCC e na palestra,

respectivamente. Portanto, as produções em análise se encaminham para o dizer a pesquisa como “texto opinativo”, no qual se assume um ponto de vista em propósito de uma adesão à tese, conforme discutem Vieira e Faraco (2019). Mas, muito mais, tal como dissemos nas orientações para uma LA, visam problematizar perplexidades sócio-contextuais.

Que noção de língua?

Dessa configuração de LA indiciada, qual a noção de língua(gem)? Ainda no Excerto 01, explicitamente a noção de língua que está subjacente aparece nomeada e costurada textualmente, em relações de equivalência e de contiguidade, como “língua(gem)”, “linguagem”, “práticas linguístico-discursivas (situadas)”, que estão para relações como “língua(gem) e vida social” e “questões da vida e da linguagem”. Para a autora, o seu fazer pesquisa se pauta na ideia de “língua real”, em explícito diálogo com Signorini (1998) e Moita Lopes (2013), a “língua em uso”, tomada como construtora de realidades, de espaços. Há 65 ocorrências do termo “linguagem” ao longo de todo o TCC, inclusive sendo marcado no título do capítulo introdutório, “Entre controvérsias sociais de uso da *linguagem*”. Nos títulos das referências mobilizadas, o termo está em sete deles.

Nessa compreensão, a autora do TCC propõe-se, então, a problematizar a (re)enunciação do espaço sertão em livro literário infantil ilustrado, de modo a enfrentar a matriz discursiva hegemônica sobre essa espacialidade, que é o lugar em que ela vive. Essa é a controvérsia social que está como demanda de pesquisa para ela em seu contexto. Estando em formação para a docência, preocupou-se com o letramento literário-ilustrado territorial, na educação de crianças pequenas, em estudo que dialoga com a historiografia dos espaços, com a geografia e com a literatura, em desejos indisciplinados, na proposta de uma “geografia discursiva”. Assim, em sua pesquisa a “língua real” tem dimensão multissemiótica, na produção do espaço sertão, já que o texto estudado é literário-ilustrado, conforme podemos ler-ver:

Figura 02: Página dupla aberta do livro literário “Ser tão”, analisado no TCC.



Fonte: Monteiro (2016).

Em todo o texto do TCC, aparece a referenciação à “construção imagética” (no singular ou plural), sendo “imagética” substituída ou adjetivada por “paisagística”,

“discursiva” ou “semiótica”, nas 22 ocorrências. Especificamente, no subtópico “Entre multissemos literários”, no capítulo de análise (capítulo 04, “O sertão (re)enunciado na literatura infantil”), a autora disponibiliza a imagem de uma página dupla aberta do livro estudado (Figura 02, anteriormente), sobre a qual realiza algumas ilações possíveis, dada a costura verbo-visual, e a partir de sua memória discursiva, com a qual estabelece pontos de diálogos e, ou, de intertextualidade. Diz:

Excerto 03

Sua construção imagética, paisagística, quando olhamos os tons, as cores, o sol, o xique-xique, os espaços vazios atrás da casa, está possivelmente retomando/reenunciando as construções linguístico-discursivas hegemônicas acerca da territorialidade sertaneja, em que é o sol o grande destaque da narrativa, de modo que o sol e sua claridade tomam um tamanho bastante considerável da página, por trás do que seria a casa do personagem Tonho, a qual também é tomada de acordo com o discurso hegemônico acerca do espaço em que vivem as pessoas do espaço Sertão. (TCC, 2023, p. 67).

Na análise, inferimos que a autora faz um movimento de leitura importante, para pensarmos a noção de língua(gem), qual seja, “descer” ao sistema linguístico, para pensar os fatos gramaticais (Antunes, 2010) e como atuam na produção de nomeação e qualificação (ou desqualificação), para produzir e ou intensificar sentidos para “sertão”. Problemática a mobilização de substantivos e adjetivos para dizer do sertão, da roça e do próprio personagem Tonho, em que o léxico “*sec-*”, em “*sec-o*”, “*sec-a*”, ganha relevância. Ou mesmo advérbio, como em “*tão seco*”. Nessa direção, questiona o título do livro “Sertão”, que segundo discute está para um sertão *ser tão seco*. Assim, a língua agora está para uma “articulação semiótica-estrutura-uso-ideologia”, conforme afirma Garcez (2023), sendo o objeto de estudo da LA contemporânea, no Gelasal.

Na palestra, os objetivos são “expor” discussões em realização no grupo de pesquisa e “contribuir” com as reflexões contemporâneas sobre LA, em suas relações com estudos decoloniais e *queer*, que é a proposta do evento. Então, interessa ao autor conceituar, discutir e ilustrar o fazer LA sob os parâmetros de uma “geografia discursiva”, para “cortar”, tal como seu Grupo vem compreendendo, já anunciados desde a abertura da fala. Nessa direção, entendemos que sua fala perpassa por uma maior liberdade reflexiva, tal como discutem Vieira e Faraco (2019), quando falam do ensaio acadêmico.

Ou seja, conforme o pesquisador afirma nos dois blocos iniciais da palestra, “Linguística aplicada (para ‘cortar’) em algumas costuras teórico-conceituais” e “Geografia discursiva [em atitudes *cu-ir/queer*]”, nessa LA se parte da ideia de que é gente que faz espaços em suas práticas de linguagem. Mas, além de abordar estudos em LA que se preocupam com a interface “linguagem e território”, já tratada na Introdução, interessa do mesmo modo provocar (demais sujeitos de pesquisa, em formação ou pares) a uma LA que, muito mais do que compreender, ou criar inteligibilidades sobre a vida social, possa “ferir” sensibilidades, sentimentos e pensamentos, de modo a fazer desacostumar e pôr em crises as certezas, em perspectiva de *revide, cu-ir/queer*.

Para ilustrar essa LA desenvolvida no Gelasal, o palestrante mobilizou uma “Cena enunciativa imobiliária [interrogada]”, no último bloco da fala, conforme vemos na sequência:

Figura 03: *Outdoor* de um loteamento, numa cidade do interior alagoano.



Fonte: Gelasal, 2022.

O último tópico da palestra situa-se no contexto brasileiro o *outdoor*, propaganda que, conforme avisa, esteve disposta no centro de uma cidade no interior-sertão alagoano, entre o final de 2022 e início de 2023. Esse contexto está para um país em pós-pandemia, compreendido em referência ao governo anterior como “uma experiência [coletiva] de dor” (Bento, 2021), o qual está também para um contexto sociopolítico de pânico moral-sexual (Miskolci, 2021). Em sua perspectiva mais local, argumenta que o enunciado-texto analisado (na Figura 03) está para o sertão-Nordeste, que hegemonicamente está para os mitos de terras secas, fome, miséria e, especificamente, para o mito de cabra-macho, conforme Albuquerque Jr. (2021).

Assim, o palestrante problematiza o *outdoor* a partir da oferta da venda imobiliária, na qual se vende terrenos, que na costura dos nexos textuais, em equivalência e contiguidade, se atrelam à felicidade, para um casal formado por um homem e uma mulher, jovens e branco(a), tal qual à imagem na composição do enunciado-texto. Com certeza um casal cis-heterossexual.

Dessarte, o pesquisador se questiona como a relação proposta entre a venda/compra do terreno e a felicidade ao casal se relaciona ao loteamento, questionando-se, a partir de uma linguística *queer*, de estudos *queer* e de uma geografia feminista, que produção se realiza de sujeitos em suas relações com a cidade, qual a noção de cidade urbana sertaneja e se o loteamento à venda está para uma noção de “patriarcado de concreto” (Kern, 2021), no qual a cidade é para os homens cis-heterossexuais e brancos, e na qual as mulheres cis-heterossexuais, e brancas, estão sob os domínios masculinos.

Nesse movimento ao mobilizar a perspectiva *queer*, interessa-se em pensar, conforme Lucchesi (2020), que *queer* está para postura que interroga as relações excludentes da norma de inteligibilidade da cultura cisheteronormativa, assumindo uma perspectiva

crítica. É um jeito de ser e de pensar que desafia as normas. É uma postura que vem revisando as noções de sujeito, numa perspectiva desconstrucionista. Está também para uma luta anti-identitária. Filia-se, dessa maneira, à perspectiva enunciativo-discursiva de língua(gem), sob orientações de LA contemporânea, em diálogos feministas e *queer*.

Assim, passa a considerar que o enunciado-texto em estudo é um “bio-enunciado”, que, tal como diversos outros dispositivos, atua na produção de corpos generificados e sexualizados, nesse caso como bio-necro-enunciado, porque em seu querer-dizer-fazer-ser tematiza um loteamento para casais brancos, jovens e cis-heterossexuais, excluindo da cidadania urbana sertaneja as dissidências em gênero e em sexualidade, e os sujeitos racializados, tomados como inferiores. Sobre “bio-enunciado”, textualmente argumenta:

Excerto 04

(...) e a gente chega em *outdoor* e em publicidade (...). Talvez, a gente fosse levado(a), de imediato, a dizer que o *outdoor* é uma propaganda, que essa propaganda é grande, porque quer dar alta e grande visibilidade aquele objeto de enunciação. Mas, nessa configuração que nós estamos fazendo, nesse interesse de uma atitude cu-ir/*queer*, não bastaria a gente pegar simplesmente essa conceituação (...). Por quê? É importante que a gente entenda que a linguagem também atua como uma tecnologia biopolítica, ou de necropolítica. Então, a gente passa a entender que o *outdoor* está para um bio-enunciado. (*Palestra*, 2024).

Assim como a autora do TCC, o pesquisador trabalha em um objeto que é o que já mencionamos, com Garcez (2023), a “articulação semiótica-estrutura-uso-ideologia”, nesse caso a língua(gem) verbo-visual do *outdoor* e sua articulação dialógica e intertextual. Logo, para a pesquisadora, e na palestra, “nosso ser-assim é uma atividade” (Fabrício, 2022), fruto das atividades de língua(gem), que instauram também ilusões de realidade. No caso problematizado na palestra, o loteamento é para casais, desde que cis-heterossexuais, jovens e brancos. Uma observação sobre a palestra caberia aqui, no tocante à língua esperada: Será que não houve uma fuga da língua imaginada a ser usada na esfera acadêmica, com os usos do nominal “a gente”, ao invés de pronome-sujeito “nós”, pelo pesquisador? Estariam esses usos para uma postura em LA *indisciplinar*?

Considerações

A chamada para este Dossiê possibilitou-nos fazer uma reflexão da noção de língua(gem) que sustenta as atividades de pesquisa no Gelasal. Desenvolvemos, então, um exercício investigativo com base em duas fontes documentais, um TCC e uma palestra, sobre as quais interrogamos as performances enunciativas da pesquisadora iniciante e do professor-pesquisador, autora e autor das referidas produções acadêmicas. Entretanto, como estratégia didática lançamos antes um questionamento sobre a abordagem de LA desenvolvida, para só depois questionarmos a noção de língua(gem), com base em pistas enunciativo-textuais levantadas.

Consideramos, destarte, que a análise aponta para uma LA em forte diálogo com o fazer pesquisa *indisciplinado*, não de mediação ou intermediação entre as áreas, mas de choques, o que possibilitou que o Gelasal desenvolvesse pesquisas no que temos denominado de “geografia discursiva”, ou podemos dizer “geografia discursiva cu-ir/*queer*”,

em curtos-circuitos com diversas outras áreas do saber, tal como nas fontes estudadas, em especial em interfaces com a historiografia dos espaços.

Inferimos que há forte interesse em estranhar processos de normatividades ao estudar a amálgama *sujeitos-práticas de linguagem-espaço-tempo*. Nesse sentido, a noção de língua(gem) que está nos referidos trabalhos é a de “construção imagética” e “bio-enunciado”, que está para a ideia, na LA, de “língua real”, agora como práticas multissemióticas, em diferentes esferas comunicativas. Podemos dizer que o Gelasal estuda o que foi denominado por Garcez (2023) de “articulação semiótica-estrutura-uso-ideologia”, com o objetivo de estudar a “vida dura como ela é” (Brait, 2023, p. 09).

Por fim, é importante destacar que este exercício investigativo se tornou de grande relevância, porque permitiu que tivéssemos maior consciência da tendência da noção de língua(gem) neste Grupo, assim como pode ser um exercício que tenha importância para quem se interesse pela LA e seus estudos contemporâneos, sejam iniciantes na pesquisa ou docentes de graduação e de pós-graduação. Para concluir, temos duas ressalvas, quais sejam, *i*) entendemos que se pode esperar um número ampliado de fontes, para gerar mais dados para essa fotografia do Gelasal (mas, já alertamos que a LA não associa a relevância à quantidade; logo, seu estudo pode se desenvolver a partir de um único texto, quando considerado “texto-espetacular”), e que *ii*) o que pode parecer um problema de pesquisa, termos trabalhado com fontes de autoria de duas pessoas que assinam este artigo, não o é, pois a nossa metodologia de análise não perpassa por um ato individual de leitura (como já anunciamos), mas a partir dos procedimentos de uma “leitura dialógica”, com orientações metodológicas específicas.

Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 2011.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Região e mistificação: o Nordeste é resistência? Quem resiste no Nordeste?** João Pessoa: Edições nº 1, 2020.

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BENEVIDES, Araceli Sobreira. A leitura como prática dialógica. In. ZOZZOLI, Rita Maria Diniz; OLIVEIRA, Maria Bernadete de (Orgs.). **Leitura, escrita e ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008, p. 87-110.

BENTO, Berenice. **Brasil, ano zero: estado, gênero, violência**. Salvador: EDUFBA, 2021.

BRAIT, Beth. Nota prévia. In. FABRÍCIO, Branca Falabella; BORBA, Rodrigo (Orgs.). **Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar – homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023, p. 09-10.

CAVALCANTI, Marilda C. A propósito de linguística aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 7, 1986, p. 5-12.

FABRICIO, B. F. Nosso ser-assim é uma atividade (prefácio). In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da [et. al.] (Orgs.). **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar**: gênero, sexualidade, raça e classe social. São Paulo: Parábola, 2022, p. 11-14.

FABRÍCIO, Branca Falabella; BORBA, Rodrigo (Orgs.). **Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar** – homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023.

GARCEZ, Pedro de Moraes [Prefácio]. Para LPML, linguista muitíssimo aplicado. In. FABRÍCIO, Branca Falabella; BORBA, Rodrigo (Orgs.). **Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar** – homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2023, p. 17-18.

KERN, Leslie. **Sex and the revitalized city**: gender, condominium development, and urban citizenship. Vancouver: UBC Press, 2020.

LUCCHESI, Flávia. Este livro pulsa e pode explodir. In. BAROQUE, Fray. **Bash Back! Ultraviolência queer**: antologia de ensaios. São Paulo, SP: crocodilo; n - 1 edições, 2020.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Como e porque teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural. In. MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **O português no século XXI** – cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 101-119.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRICIO, Branca Falabella. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópico**, 17(4), p. 711–723, 2019. Disponível em: <
<https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.03>>.
Acesso em: 11 agosto 2024.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos constructos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.

MONTEIRO, Fábio. **Ser tão**. São Paulo: Paulinas, 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. **Linguística Aplicada**: Ensino de Português. São Paulo: Contexto, 2023.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In. MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 252-276.

SIGNORINI, Inês. A questão da língua legítima na sociedade democrática – um desafio para a Linguística Aplicada contemporânea. In. MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo - SP, Parábola Editorial, 2006, p. 169-190.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em LA. In. SIGNORINI, Inês e CAVALCANTI, Marilda (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade** - questões e perspectivas. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998, p. 99-110.

SIGNORINI, Inês. Letramento e legitimidade de poder em contextos institucionais. **Delta**, v. 22, nº 2, p. 185-2020, 1995. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45160>. Acesso em: 11 agosto 2024.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. O que é uma leitura enunciativo-discursiva? In. SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Do dialogismo bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade**. Arapiraca: Uneal, 2012, p. 32-38.

VIEIRA, Francisco Eduardo; FARACO, Carlos Alberto. **Escrever na Universidade – texto e discurso** (2). São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem – problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018.

Recebido em 15 de agosto de 2024
Aceito em 23 de setembro de 2024